

# APRESENTAÇÃO

## O BEBÊ QUE NOS FALA

Erika Parlato-Oliveira<sup>1</sup>

Sempre que me coloco a trabalhar sobre o bebê me vem inúmeros questionamentos, a pergunta "somos realmente capazes de escutar o bebê?", e como consequência, "o que nós escutamos deste bebê que nos fala?" Esta questão encontra-se presente em vários estudiosos e clínicos que se ocupam dos bebês, dentre eles Trevarthen tem um lugar especial. Ele se dedica à pesquisa sobre o bebê há mais de 40 anos, enfrentando um desafio constante de fazer conhecer a todos: pesquisadores, clínicos e pais, o quanto o bebê é capaz e como ele constrói seu saber em processos complexos de intersubjetividade.

Para a construção de seu saber sobre o bebê, Trevarthen tem não somente pesquisado sobre o bebê de forma direta, com parcerias com vários laboratórios de pesquisa espalhados pelo mundo, mas também tem se dedicado ao estudo de tudo o que é produzido sobre o bebê nos mais diversos

---

1. Psicanalista. Mestre em Linguística (UNICAMP). Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Doutora em Ciências Cognitivas e Psicolinguística (LSCP-Paris). Pós-doutora em Psiquiatria Infantil (Universidade Pierre et Marie Curie/Hospital Pitié Salpêtrière). Professora do Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente de Faculdade de Medicina da UFMG. Orientadora de Doutorado na Université de Paris (Paris 7). Membro da CIPPA, da WAIMH, e da Associação "La cause des bébés".

campos de conhecimento. O resultado é uma produção de conhecimento transdisciplinar que não hesita em colocar à prova hipóteses teóricas e de produzir experimentos que ampliam relatos observacionais ou ideias intuitivas. Seus trabalhos são repletos destas referências, neste livro, colocamos todas elas à disposição do leitor num novo formato<sup>2</sup>, ele atravessa os mais diversos estudos e o grande público encontrará referências a autores clássicos, tais como Piaget, Wallon, Vygotsky, para citar apenas os mais conhecidos no campo dos estudos sobre o desenvolvimento.

A ênfase de Trevarthen na intersubjetividade coloca em xeque vários estudos que garantem a passividade do bebê nos processos de aprendizagem, ou mesmo, de uma constituição sobredeterminada de fora para dentro, seja do meio coletivo ou da relação parental. Pois, para que haja "inter-subjetividade" é preciso que na relação a subjetividade esteja presente em todos os envolvidos, inclusive no bebê. O bebê do qual Trevarthen nos fala possui uma subjetividade apoiada nos "rudimentos de uma consciência individual e intencional", e ao coordenar sua subjetividade para interagir com os outros ajustando "seu controle subjetivo à subjetividade dos outros" ele estabelece uma relação intersubjetiva.

A isto se soma o caráter provocador do bebê, que convoca o outro a ter com ele esta relação intersubjetiva. A "provocação" do bebê, capacidade fun-

damental para sustentarmos a subjetividade, intencionalidade e o desejo do bebê no seu investimento pulsional no outro, foi desenvolvida a partir da tese de Emese Nagy sobre a imitação. Ao provocar o outro, o bebê instala um circuito, vejamos bem, é o bebê quem promove esta construção, é ele quem busca ter com o outro, e ele o faz a partir de uma interpretação, não somente do ato motor, mas também das intenções comunicativas deste outro para com ele.

O bebê é um intérprete do mundo e ele nos ensina a forma pela qual ele faz estas interpretações. O seu saber é construído a partir das suas capacidades de apreensões perceptivas e de expressões comunicativas. Sua capacidade subjetiva é capaz de elaborar respostas complexas, tanto no plano motor como vocal, para os problemas que lhe são apresentados. Sua investigação sobre a funcionalidade dos objetos é apenas um dos aspectos fundamentais da sua relação com o mundo, ele também é capaz de perceber e analisar as nuances afetivas presentes nos gestos e olhares dos seus interlocutores e de agir a partir destas análises interpretativas, abrindo-se ou fechando-se ao outro, indo ao encontro ou retraindo-se, sorrindo ou chorando, e até mesmo recusando-se a estabelecer relações com sujeitos específicos de sua relação próxima. Suas eleições não são arbitrárias e, nem tão pouco, frutos do acaso, elas estão fundamentadas na análise interpretativa que ele faz dos sinais comunicativos que estão para além da palavra, mas que são expressos pelo outro de forma multimodal.

2. Toda a extensa bibliografia deste livro encontra-se acessível através de um QR Code.

A produção sonora do bebê convoca o outro, sua voz se faz ouvir, e a fala do outro é também efeito desta provocação. Ao falar, o bebê encanta o outro, faz o outro falar. Neste jogo, o outro, para além do reconhecimento, antecipa no bebê o interlocutor capaz de estabelecer um diálogo. Ao falar dele, por ele e com ele, este outro convoca este bebê a ocupar um lugar no jogo intersubjetivo. Temos então um *jogo de antecipação*, onde os participantes ocupam lugares distintos, porém ambos desempenham um papel fundamental na sua construção.

O bebê nos ensina, diz Trevarthen, ele "é uma criatura inventiva, criadora de sentidos e de interação com os outros", sua capacidade criadora permite aceder a qualquer código linguístico e simbólico humano, sua capacidade de apreender línguas, ritos e costumes lhe dá a condição de ser e de estar em qualquer comunidade humana. Ele inventa para si uma língua que lhe possibilita posteriormente expressar suas necessidades e desejos como um falante natural do grupo ao qual pertence, faz do código um veículo de expressão da sua singularidade. Mas antes de partilhar um código de significantes comuns, ele constrói um repertório de expressões amparados nos recursos motores que tem à sua disposição: do tônus ao gesto, do choro às vocalizações, há todo um repertório de produções significativas que são produzidas com a intenção de se expressar para o outro e interagir com ele. Ele é um professor de língua multimodal singular, nos ensina suas expressões para que pos-

samos saber sobre ele e seus gostos, necessidades e interesses.

O bebê promove a construção dos pais, é a partir dele que o lugar dos pais é assegurado. A interação não é o resultado de uma insistência mecânica ou pedagógica, ou mesmo, terapêutica, mas sim um processo complexo no qual a participação do bebê é decisiva. O bebê e seus pais criam uma complexa rede comunicacional, construída e sustentada em sistemas multimodais perceptivos e expressivos. Para falar, o bebê não se restringe à língua oral, ainda em construção, ele faz uso dos gestos, sons e movimentos corpóreos que exprimem seu interesse ou desinteresse, seja pelo objeto, seja para com o outro. Os pesquisadores, clínicos e os pais atentos a estas formas de expressão do bebê podem construir um verdadeiro diálogo com ele, não apenas imaginariamente, como alguns sustentam, mas sim e também, simbolicamente, a partir das tramas expressivas pelas quais o bebê nos fala.

O bebê também constrói um analista para escutá-lo, sua tarefa é árdua, pois por vezes, ele chega até à clínica sem muita disposição e disponibilidade para o encontro. Seus pais e, por vezes, outros profissionais consultados, apontam para a falência e ou impotência das tentativas de estabelecimento de interação, há sempre muitas queixas, de todos, inclusive dele, bebê, que a seu modo, por vezes, recluso e arredo nos conta das suas dificuldades e sofrimentos. Escutá-lo é o trabalho do analista que se coloca, frente ao bebê, na condição de puro não saber sobre o que ele

precisa, mas que se dispõe a aprender com ele o que lhe afeta. Atento aos sinais, por vezes discretos e imperceptíveis nos primeiros encontros, o analista aos poucos arrisca-se a falar nesta língua nova, estrangeira e singular do bebê, e como um falante pouco dotado nas nuances do discurso da língua que não é competente, o analista deixa-se levar pela maestria deste outro que aos poucos lhe oferece e ensina expressões importantes para que ocorram interações, e possibilitem interpretações analíticas.

Esta clínica cria um novo campo de conhecimento para a psicanálise: escutar o bebê nas suas produções linguageiras, reconhecer seu discurso através do corpo, do olhar, dos movimentos, dos sons produzidos ainda não articulados na língua. Tudo isso nos permite reconhecer sua importância na construção de suas condições e possibilidades. O bebê passa do lugar de submetido à história a ator de sua própria história, decidindo e organizando suas representações. Esse lugar retira da mãe, ou de quem se ocupa do bebê, o papel determinante de sua felicidade ou infelicidade. Sem retirar, no entanto, a responsabilidade de quem se ocupa do bebê, pelo que lhe é oferecido. Mas esta oferta, seja ela boa ou não, vai ser interpretada por esse bebê, seu futuro não é determinado pela ação do outro. Esse bebê, no momento da relação, vai interpretar através da linguagem o que lhe é proposto.

A prosódia materna, que ultrapassa a língua, atrai a atenção do bebê, favorecendo os diálogos. O

manhês representa uma porta de acesso ao outro, uma via de comunicação de intenções afetivas do outro em direção ao bebê, que por sua vez, provoca e interpreta o seu interlocutor.

A formalização dessas trocas podem ocorrer através das pulsões. O bebê faz o terceiro tempo do circuito pulsional, em várias modalidades sensoriais, ele provoca o outro para "se fazer olhar", no caso da pulsão escópica, para "se fazer escutar", na pulsão invocante, ou ainda para "se fazer tocar", em relação à pulsão motriz.<sup>3</sup>

Hoje nós já sabemos que o bebê é capaz, não ainda a totalidade da sua capacidade e de que forma ele é capaz, cumpre a nós fazer com que aqueles que lidam com os bebês nas relações amorosas ou técnicas profissionais, possam se aproximar deste conhecimento, que este trabalho realizado por Trevarthen nos proporciona.

Ao me encontrar com Trevarthen nestes últimos 10 anos na França e na Inglaterra, tenho tido a oportunidade de perceber o seu gênio criativo e inquieto. Sempre gentil e atencioso, ele elabora questões complexas, sem respostas, verdadeiras questões, para serem respondidas com trabalho e argumentação sólida. E o seu trabalho insistente nos mostra o quanto ainda há para ser estudado e construído neste campo de estudos sobre os bebês.

3. Marie Couvert, em 2019, nos propõe uma nova proposta para compreender a clínica dos bebês, e a clínica psicanalítica de forma mais ampla, baseada na teoria das pulsões. "A clínica pulsional do bebê", Instituto Langage (no prelo).